
PEDAGOGIA

JESSYCA BISSOLI GOMES BRANCO

**CONTRIBUIÇÕES DE HENRY WALLON À
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM E
AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO**



Rio Claro - SP
2023

JESSYCA BISSOLI GOMES BRANCO

**CONTRIBUIÇÕES DE HENRY WALLON À RELAÇÃO ENSINO-
APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: César Donizeti Pereira Leite

Coorientador: Ana Lúcia Penteado Brandão Prado

Rio Claro - SP
2023

B816c

Branco, Jessyca Bissoli Gomes

Contribuições de Henry Wallon à relação ensino-aprendizagem e afetividade na educação / Jessyca Bissoli Gomes Branco. -- Rio Claro, 2023

33 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: César Donizeti Pereira Leite

Coorientadora: Ana Lúcia Penteado Brandão Prado

1. Educação. 2. Ensino. 3. Afetividade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JESSYCA BISSOLI GOMES BRANCO

CONTRIBUIÇÕES DE HENRY WALLON À RELAÇÃO ENSINO- APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. César Donizeti Pereira Leite (orientador)

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Penteado Brandão Prado (coorientadora)

Prof. Dr. Luana Priscila de Oliveira

Prof. Dr. Raquel Fontes Borghi

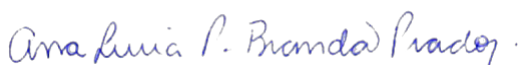
Aprovado em: 02 de junho de 2023



Assinatura do discente



Assinatura do(a) orientador(a)



Assinatura do(a) coorientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me sustentar com a graça, por ser mais generoso do que justo comigo, e por derramar sobre as trevas da minha inteligência, um raio de sua claridade.

Agradeço a minha família por todo o amparo material, emocional e psicológico que me foi dado, não só durante os anos da graduação, mas em toda a minha vida.

Agradeço ao meu futuro esposo, Matheus, por ter me escolhido para estar ao meu lado, e repousar sobre mim todo o seu amor.

Agradeço aos meus orientadores, César Donizeti Pereira Leite e Ana Lúcia Brandão por todo o trabalho cuidadoso e paciente, por todo o conhecimento generosamente cedido e por estarem comigo em todas as intempéries.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, cujo objetivo é discutir e analisar o conceito de afetividade nos processos de ensino-aprendizagem, à luz da perspectiva walloniana. As teorias de Henri Wallon sobre emoção e afetividade são de singular relevância para o entendimento das formas de aprendizagem no ambiente escolar, tendo em vista que a afetividade, em especial na educação infantil, surge como um fator de suma importância, uma vez que se faz presente em todas as fases do desenvolvimento humano. Através deste trabalho, buscamos compreender o processo ensino-aprendizagem a partir das contribuições wallonianas à teoria psicogenética e seu contributo para uma educação integral do ser humano, logo muito mais frutífera.

Palavras-chave: Wallon; educação; afetividade; aprendizagem.

ABSTRACT

The present work is a bibliographic research of qualitative nature whose objective is to discuss and analyze the concept of affectivity in the teaching-learning processes in the light of the Wallonian perspective. The theories of Henri Wallon on emotion and affectivity are of singular relevance to the understanding of learning forms in the school environment, considering that affectivity, especially in early childhood education, emerges as a factor of utmost importance, since it is present in all phases of human development. Through this work, we seek to understand the teaching-learning process based on Wallonian contributions to the psychogenetic theory and its contribution to an integral education of the human being, which is much more fruitful.

Keywords: Wallon; education; affectivity; learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1	Método.....	11
2.2	Por que Wallon?.....	12
2.3	Conceitos de domínios funcionais.....	14
<i>2.3.1</i>	<i>Movimento.....</i>	<i>15</i>
<i>2.3.2</i>	<i>Afetividade.....</i>	<i>16</i>
<i>2.3.3</i>	<i>Conhecimento.....</i>	<i>17</i>
<i>2.3.4</i>	<i>Pessoa.....</i>	<i>18</i>
2.4	Uma breve discussão sobre afetividade.....	18
2.5	A afetividade no processo de ensino-aprendizagem.....	25
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

As relações afetivas que se estabelecem entre o educador e o educando, as metodologias das quais se faz uso na sala de aula, as informações, e explicações acerca das características da criança e suas atividades em cada etapa de seu desenvolvimento, constituem-se numa vantajosa ferramenta para a educação, além de possuírem grande influência no processo de ensino-aprendizagem (interação e interdependência dos processos “ensinar” e “aprender”) da criança, podendo impactar de maneira positiva, ou negativa, na formação do aluno desde a pequena infância.

Nesse sentido, os objetivos deste trabalho são: a) discutir e trazer compreensibilidade ao conceito de afetividade, tal como proposto por Henri Wallon (1995); b) refletir e discorrer sobre a sua direta relação e contribuição no processo de ensino aprendizagem na educação infantil.

De modo geral, vemos em diversas teorias que afetividade apresenta múltiplas ligações com o contexto escolar, com direta influência sob o relacionamento entre professores e crianças, bem como o poder de ser um intensificador deste vínculo, e está diametralmente relacionada ao processo de construção do conhecimento. Para Galvão (1995, p.105) “tendo em vista a suscetibilidade das manifestações emocionais às reações do meio social acreditamos que os encaminhamentos do professor e professora, se adequados, podem influir decisivamente sobre a redução dos efeitos desagregadores da emoção”.

Dentre essas abordagens, Wallon (1995) se apresenta como uma das mais relevantes e nos exorta em sua obra sobre a íntima relação entre o convívio com o outro e a aquisição do conhecimento, ao proferir máximas como: “A atração que a criança sente pelas pessoas que a rodeiam é uma das mais precoces e poderosas (...)” (WALLON, 1995, p.161), a partir da qual temos dimensão do quanto aprender é transformar-se em relação ao outro.

O interesse pela temática nasceu a partir do meu trabalho como auxiliar de sala na rede pública de educação infantil nos últimos sete anos, este propiciou o entendimento de modo empírico sobre relevância do tema. Importante ressaltar que, minhas experiências pessoais não são o fio condutor deste trabalho. Mediante uma

observação ativa e atenta pode correlacionar fatores internos e externos que impactam o indivíduo ao seu desenvolvimento afetivo e que, dessa maneira, contribui com o aspecto motor e cognitivo.

Tendo como apoio a teoria psicogenética de Wallon, compreendemos que a aquisição da inteligência tem relação íntima com os fatores biológicos, sociais e afetivos. Segundo Galvão (2014, p.30), o homem, em sua constituição, é um ser indissociavelmente biológico e social. A pesquisa tem como destaque à afetividade como uma das mais antigas fases do desenvolvimento do ser humano. De acordo com Ferreira e Acioly-Régner:

(...) ao apontar a base orgânica da afetividade, a teoria walloniana resgata o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. Assim, temos um laço de união entre o corpo e o meio social (FERREIRA, ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 26).

As construções sociais e culturais, assim como a construção biológica do indivíduo, não podem ser pensadas como coisas dissociadas. Na compreensão do processo de desenvolvimento da pessoa, tanto o polo biológico, quanto o social, devem ser vistos como faces de uma mesma moeda. Sobre isso nos diz Wallon (1998):

Nunca pude dissociar o biológico do social, não porque os julgue irreduzíveis, mas porque me parecem tão estritamente complementares desde o nascimento, o que é impossível encara a vida psíquica sem ser sob a forma das suas relações recíprocas (WALLON, 1998, p.14).

Buscando compreender essa relação entre afetividade e aprendizagem e suas contribuições para uma educação integral, o presente trabalho propõe uma abordagem sobre a visão do teórico francês, que defendem a influência da afetividade na aprendizagem, e a necessidade de repensar o fazer pedagógico, para uma melhor compreensão do tema.

Henri Wallon foi o teórico escolhido para esclarecer as relações entre ensino-aprendizagem e afetividade e suas implicações educacionais, tendo em vista que sua

contribuição à teoria psicogenética dialética do desenvolvimento apresenta a compreensão do humano como pessoa integral, o indivíduo em sua totalidade, um ser biológico, psicológico e social, tendo suas funções diretamente unificadas a integração entre esses aspectos ajudando assim a superar a visão dicotômica entre mente/corpo.

Esta pesquisa legitima que os professores e professoras que buscam lograrem êxito na ação pedagógica deveriam conhecer e entender as crianças em seu desenvolvimento; reconhecendo suas necessidades e sendo um agente construtor de um espaço que propicie seu desenvolvimento, retendo em si o conhecimento de que nenhum conteúdo pode ser assimilado pelo aluno sem que antes passe pela modulação de seus afetos. Galvão (1995) nos diz como essa construção está estritamente ligada à uma educação da pessoa completa:

Ao fornecer informações e explicações acerca das características da atividade da criança nas várias fases de seu desenvolvimento, a psicologia genética constitui-se numa valiosa ferramenta para a educação. Possibilita uma maior adequação dos objetivos e métodos pedagógicos às possibilidades e necessidades infantis, favorecendo uma prática de melhor qualidade, tanto em seus resultados, como em seu processo (GALVÃO, 1995, p.97).

O trabalho educador realiza-se nesta eterna dialética entre o estudo da teoria, e (con)vivência com seus alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Método

Este trabalho adotou como metodologia de pesquisa a comumente chamada pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, segundo Pizzani (2012) requer do pesquisador tempo, dedicação e atenção; é um trabalho minucioso de investigação científica. Conforme nos é esclarecido por Boccato:

(...) a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa. Essa categoria de pesquisa tem como primazia uma descrição com riqueza de detalhes do fenômeno estudado, e dos elementos que o cercam.

Nas palavras de Denzin e Lincoln (2006) ela envolve uma dimensão interpretativa do mundo, assim sendo, seus pesquisadores estudam os objetos em seus cenários naturais, buscando entender seu significado pela leitura que outras pessoas fazem dele. Como bem sintetizado pelos autores, a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo.

Como referencial teórico para expor e conceituar as principais contribuições da obra de Henri Wallon foram visitadas as obras do próprio autor e dos principais intérpretes de seus pensamentos.

2.2 Por que Wallon?

Galvão (1995, p.15) apresenta a biografia de Henri Wallon como “o perfil de um humanista”, que nasceu e viveu na França entre 1879 e 1962. O cenário político e social em que se encontrava o país nessa época era permeado por guerras e conflitos. Wallon participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) atuando como médico; e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) atuou em movimentos de resistência contra o regime nazista.

Suas duas atuações permitiram ao teórico compreender às duas dimensões do homem, a orgânica e a social. E em sua trajetória acadêmica teve uma sólida formação em que contemplava conhecimentos filosóficos, medicinais, psiquiátricos e aprofundamento em áreas de conhecimento psicológicos.

Ao voltar-se para o desenvolvimento da criança, concentrou-se em explorar a gênese da consciência em cada estágio. A sequência de estágios do desenvolvimento proposta por Wallon, e apresentada por Almeida e Mahoney (2005, p.9), é a seguinte:

- Impulsivo emocional (0 a 1 ano);
- Sensório-Motor e projetivo (1 a 3 anos);
- Personalismo (3 a 6 anos);
- Categorical (6 a 11 anos);
- Puberdade e adolescência (11 anos em diante).

Sua teoria também nos aponta conjuntos funcionais que atuaram como uma unidade organizadora destes processos de desenvolvimento – conhecimento, movimento, afetividade, e resultante deles, a pessoa. Wallon realiza em sua teoria a integração destes campos, assegurando que estes são complementares e atuam de forma globalizante na criança.

A escolha do teórico Henri Wallon deu-se por sua visão integral do ser humano, ou seja, três dimensões que resultarão em uma quarta, a constituição do ser em pessoa. Em sua visão que se aparta de conceitos dicotômicos, tudo que diz respeito ao ser humano está social e organicamente entrelaçado. Como assevera Galvão:

A existência do homem ser indissociavelmente biológico e social, se dá entre as exigências do organismo e as da sociedade, entre mundos contraditórios da matéria viva e da consciência. O estudo do psiquismo não deve, portanto, desconsiderar nenhum desses fatores, nem tampouco tratá-los como termos independentes; deve ser situado entre o campo das ciências naturais e sociais. Para construir-se como ciência, a psicologia precisa dar um passo decisivo no sentido de unir o espírito e a matéria, o orgânico e o psíquico (GALVÃO, 2004, p.30).

A teoria de Wallon resgata o orgânico na formação da pessoa, em conjunto com o meio social, um fator que irá gradualmente transformando a afetividade – eixo principal desta pesquisa – orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações mais sociais. Conceito este que estará amiúde neste trabalho. Para Gulassa (2010, p.45) “o indivíduo inicia-se mergulhando no meio, necessitando dele para desenvolver, conhecer-se, identificar-se, constituir-se como pertencente a um grupo de semelhantes, construindo assim sua humanidade”.

Ao trazer em sua teoria o lugar em que a afetividade ocupa no desenvolvimento infantil e sua direta relação com a cognição, trouxe contribuições e discussões para questões relativas à atenção do professor e professora ao interesse das crianças nas atividades escolares, e a escola como tendo um papel responsável na formação de sua personalidade. Almeida (2000, p.86) nos apresenta a relevância dessa integração funcional para o educador e educadora:

Wallon, psicólogo e educador, legou-nos muitas outras lições. A nós professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento.

Outro fator, é a atualidade do pensamento walloniano; ao confrontarmos as leis educacionais brasileiras, seus pressupostos, vemos que, o que objetivamos como profissionais se assemelha com os objetivos propostos pela teoria walloniana, o de formação integral da criança - a formação de um homem apto para o convívio social.

A compreensão, assimilação e introdução das teorias wallonianas no processo de ensino-aprendizagem, possibilitam ao professor e professora, à aquisição de um repertório que permitirá ao docente, como enumeram Mahoney e Almeida (2005), três funções: de construção de rotina (essencial à criança); oferece subsídios para o

enriquecimento da prática pedagógica; e possibilita meios de ação com maior autonomia e segurança.

Na teoria psicogenética apresentada por Wallon, o mote no processo de desenvolvimento se dá na dialética entre dois elementos:

- Integração orgânica e o meio;
- Integração dos domínios: conhecimento-afetividade-movimento;

No próximo tópico deste trabalho buscaremos fazer a diferenciação conceitual de cada domínio funcional – com enfoque na afetividade, que é tema central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, quanto na construção do conhecimento, na teoria psicogenética de Henri Wallon.

2.3 Conceitos de domínios funcionais

Os domínios funcionais são, como bem descritos por Almeida e Mahoney (2007, p.17), a composição do psiquismo humano, formando um sistema regulador da vida mental do Ser.

Essa pesquisa, que visa compreender desenvolvimento infantil à luz da psicogenética walloniana, encarrega-se de uma necessidade de compreensão da criança no seu contexto sociocultural e biológico, tendo em vista que o teórico concebe o desenvolvimento humano como uma eterna correlação entre ambos, e uma integração entre os diferentes conjuntos ou, como descreve em seu livro “A evolução psicológica da criança” (2007), domínios funcionais, sendo eles: a afetividade, o conhecimento, o movimento e a pessoa, este sendo o que abarca todos os outros.

Wallon, que busca não fragmentar o entendimento do indivíduo, também nos assevera que:

(...) as exigências da descrição obrigam a tratar de forma distinta alguns grandes conjuntos funcionais, o que de certa forma não pode ser feito sem certa artificialidade, sobretudo no ponto de partida quando as atividades ainda são pouco diferenciadas (WALLON, 2007, p.113).

Como explica Prandini (2004, p.30), a compreensão dos elementos isolados se faz necessária para um melhor entendimento quanto ao funcionamento da pessoa, após o entendimento obtido das partes analisadas de modo fragmentado, a dinâmica funcional da pessoa poderá ser entendida a partir da integração funcional dos domínios. A autora coloca essa questão análoga ao disco de cores:

O disco de cores é uma boa imagem para ilustrar o conceito de integração funcional. Quando o disco está parado é possível perceber cada cor em sua área respectiva, mas uma vez posto em movimento a cor que se vê é o branco, resultado da integração de todas as cores. Assim é a integração funcional na constituição da pessoa: vemos o resultado das várias funções em movimento, perfeitamente integradas, um efeito impossível de se obter pela simples soma das partes. Podemos comparar as cores que vemos quando paramos o disco a cada parte obtida por análise, a cada domínio funcional visto separadamente. Percebe-se, então, que, nesta decomposição da pessoa em partes, se perdem o movimento, a visão da pessoa completa (PRANDINI, 2004, p.31).

No entendimento da teoria de Wallon (2007), os campos funcionais totalizam-se em quatro – movimento (ato motor ou motricidade, no qual fornece base para todo o desenvolvimento através de movimentos); afetividade (expressões através das emoções, uma forma de comunicação das crianças com o outro); inteligência (campo que está ligado com a representação da realidade e ao raciocínio) e pessoa (resultante da integração dos três domínios pregressos).

2.3.1 Movimento

O movimento começa desde a vida fetal (WALLON, 2004, p.18), sendo um dos primeiros pilares do desenvolvimento humano, o movimento é base para os outros três domínios funcionais humanos. Esta correlata à emoção, pois mobiliza a afetividade em atos concretos, uma vez que no movimento, a criança comunica aos demais seus estados afetivos.

O movimento é que o irá propiciar à criança oportunidades de desenvolvimento em seu espaço, de forma que, a integração entre o movimento e às emoções se complementarão no seu processo de formação do Eu. Almeida e Mahoney (2004) asseveram sobre a importância do ato motor para a formação do Eu:

O ato motor é ainda um recurso privilegiado para a construção do conhecimento. As sensações só são retidas, discriminadas, identificadas no momento em que a criança é capaz de reproduzi-las por confundindo-se entre o que depende da excitação e o que depende da reação. Portanto é um recurso indispensável no processo de diferenciação, de aprendizagem (ALMEIDA; MAHONEY, 2004, p.17).

Entendemos assim o ato motor como indispensável para a constituição do conhecimento, e, como são embricados, para a expressão de ordem afetiva; sendo assim inerente para à constituição da pessoa.

2.3.2 Afetividade

Primeiramente, o conceito de afetividade deve ser diferenciado de suas manifestações, tais como sentimento, emoção e paixão. Como nos exorta Galvão (2014, p.61) as emoções e sentimentos são manifestações da vida afetiva, ao passo que a afetividade é um conceito bem mais abrangente. A afetividade envolve uma plêiade maior de manifestações, englobando as emoções (de origem biológica) e os sentimentos (de origem psicológica)

O seu desenvolvimento se dá concomitante aos fatores orgânicos e sociais. A linguagem que, inicialmente, é constituída de emotividade pura, sendo assim a primeira forma de sociabilidade puramente orgânica, passarão a ser fortemente influenciadas pelo meio social (GULASSA, 2010, p.25).

Todo o indivíduo é marcado pela civilização, que regula a sua essência e se impõe à sua actividade. A linguagem que dela recebe é o molde dos seus pensamentos, é ela que estrutura os seus raciocínios. Os instrumentos que ela lhe propõe dão forma aos seus movimentos. A organização da família, das relações entre crianças e adultos, entre sexos, entre indivíduo e colectividade, impõe à sua afectividade quadros mais ou menos rígidos, imperativos, susceptíveis de influir profundamente sobre a constituição da pessoa (WALLON, 1975, p.24-25).

A afetividade é o mote da teoria psicogenética de Wallon, pois é a gênese para a construção do conhecimento, defendendo o estreito entrelaçamento entre afetividade e cognição.

Na teoria de Henri Wallon, afetividade e inteligência são indissociáveis. A evolução da afetividade está condicionada às construções realizadas pelo intelecto, *peri passu*, a evolução do intelecto está condicionada às construções afetivas. Embora o autor nos diga que ao longo de seu desenvolvimento, haverá fases em que o indivíduo manifestara predomínio afetivo em suas ações, e em outras predominarão a inteligência. Não obstante, a afetividade está presente durante toda a vida do indivíduo e, considerada em todo estudo sobre o desenvolvimento do ser humano.

2.3.3 Conhecimento

Assim como a afetividade, o campo do conhecimento é um dos componentes fundamentais na psicogênese da pessoa integral, sendo parte constitutiva da base biológica do Ser, e essencial para as interações com o mundo social ao seu desenvolvimento. Com isso, compreendemos que, para o educador ter um melhor entendimento da criança e de seu modo de agir, será indispensável considerar aspectos: social, familiar, e cultural no qual ela está inserida. A relação entre as circunstâncias, tanto sociais, quanto orgânicas da criança em cada estágio e as condições oferecidas pelo seu meio social é que propiciarão o seu desenvolvimento.

Desta forma, como entendido por Wallon, compreendemos que essa dialética entre ambiente social e os aspectos biológicos é que irão dar densidade a evolução do conhecimento. Como nos explica Galvão (2014, p.98) os progressos da inteligência se dão conforme a compreensão global e subjetiva do sujeito sobre o mundo, torna-se cada vez mais diferenciada e objetiva.

Para o teórico, o domínio funcional do conhecimento possibilita a aquisição de uma série de funções que permitirão ao indivíduo “[...] identificar e definir [...] significações, classificá-las, dissociá-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e experimentais, tentar reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas” (WALLON, 2007, p. 117).

Em outras palavras, o cognitivo, ou como nomeado pelo teórico, o conhecimento é o conjunto que oferece ao sujeito recursos mentais para organizar

suas experiências. Este conjunto oferece uma gama de funções que permitiram o indivíduo experienciar o mundo.

2.3.4 Pessoa

A construção do eu na teoria walloniana, abarca todos os outros domínios funcionais, tendo em vista que um não se pode apartar um dos outros nessa visão da pessoa de forma holística do teórico. Almeida e Mahoney (2012, p.15) descrevem a correlação direta e indissociável dos domínios como parte constitutiva um dos outros. Segundo as pesquisadoras:

Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas, toda a disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda a operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas elas têm um impacto no quarto conjunto: a pessoas, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é o resultado dela (ALMEIDA; MAHONEY, 2012, p.15)

Como nos relembra Calil (2007), na teoria walloniana, a construção do eu, constitui-se diametralmente a partir da relação com o outro. E é justamente essa relação – que pode ser ora de acolhimento, ora de oposição -, que irá resultar nessa construção cada vez mais pessoal e irrepetível da pessoa humana. Nas palavras de Wallon: “O indivíduo [...] é essencialmente social. Ele o é, não em virtude de contingências externas, mas devido a uma necessidade íntima. Ele o é geneticamente” (1986, p.164).

Cada pessoa tem uma forma única e irrepetível, que caracteriza sua personalidade, e sua ação no mundo, que serão delimitadas pelo meio e pela cultura em que está inserida.

2.4 Uma breve discussão sobre afetividade

Ao entendermos que a educação é uma prática social, logo, compõe-se de conhecimentos produzidos por diferentes áreas, percebemos a necessidade de um

olhar interdisciplinar, em que a psicologia pode ser uma fonte a iluminar a compreensão do processo educativo.

Um dos objetivos dessa pesquisa é desmitificar o entendimento de afetividade como o raso bordão “pedagogia do amor”, e buscar um referencial teórico que auxiliasse a compreender o papel que a afetividade exerce na prática pedagógica em sala de aula. Neste tópico buscamos discutir o conceito de afetividade, tal como proposto por Wallon, que já fora descrito de forma pregressa neste trabalho, porém com maior aprofundamento no tema, entendendo a diferenciação dos conceitos afetividade, emoção e sentimento.

É importante ressaltar que, nem todos os educadores possuem uma compreensão ajustada acerca da afetividade, e de sua implicação no âmbito escolar, tomando como definição o entendimento superficial sobre o tema. Tomemos como exemplo o estudo de Borba (2008), onde foram coletadas e analisadas respostas de 60 docentes de educação infantil em uma escola Municipal do Interior de São Paulo acerca de sua compreensão sobre afetividade. O resultado foi:

Após análise dos conteúdos das respostas e das unidades de significado delas decorrentes, verificou-se que 40 das 60 docentes investigadas associam o termo afetividade às palavras carinho, querer bem ao outro, amizade, amor, afeto, entre outros, indicando a compreensão da afetividade como sinônimo ou expressão de sentimentos positivos (BORBA, 2008, p.43).

É conveniente lembrar que, no dia a dia de relacionamentos de qualquer origem – inclui-se os gerados no ambiente escolar – descortinam-se muitas expressões de afetividade; e isso inclui tanto os momentos de carinho, afeição, porém, não se excetua situações de desentendimento entre o educador e o educando. Wallon não exclui destes conflitos, uma dimensão positiva e enriquecedora na formação da personalidade, assunto este que será explicitado no decorrer deste trabalho.

Wallon (1971) categoriza as manifestações advindas da afetividade como: emoção, sentimento e paixão. Procuramos apresentar as distinções destas “subdivisões” à luz da teoria de Henri Wallon e de leituras que outros pesquisadores trouxeram dela.

Segundo Almeida e Mahoney (2005, p.14), todos os domínios funcionais, apresentam-se no indivíduo inicialmente de forma sincrética, ou seja, de forma difusa, sem muita distinção entre os estímulos tanto internos, quanto externos. No caso específico do domínio da afetividade, sua gênese está na articulação entre às sensibilidades externas de interocepção (referentes às sensações viscerais), e as de propriocepção (referente às sensações musculares), sendo estas às sensações responsáveis pelo organismo de forma generalizada.

Essas sensibilidades, como nos explicam Mahoney e Almeida (2005, p.15), quando frente a um estímulo externo, uma resposta do outro – chamada de sensibilidade de exterocepção -, irão provocar sinalizações afetivas cada vez mais específicas, tais como, alegria, angústia, raiva, tranquilidade etc. Assim se dará o processo de diferenciação.

Como nos relembra Cacheffo (2012), para compreendermos a afetividade precisamos retomar o entendimento de que o meio social está imbricado no processo de construção do Ser; tendo isto em vista, deve-se considerar que o indivíduo, desde o momento de seu nascimento, é afetado pelo mundo, tanto de forma positiva quanto negativa. Ou, conforme Wallon (1995, p.18) expressões de mal ou bem-estar.

Em suma, a afetividade, nas palavras de Almeida e Mahoney (2005), refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno/externo por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis e, reagir a elas com movimentos tanto internos, quanto externos que serão despertados a partir das situações apresentadas. Essa condição de ser afetado pelo mundo resultará em atividades motoras e mentais, gerando assim recursos de sociabilidade, comunicação, possibilitando a interação com o outro.

Já a compreensão de emoção, é exteriorização deste afeto apreendido, é o ato concreto, gestual, corporal e motor. Na emoção há este predomínio fisiológico e material, é a ponte entre o social e o orgânico. Vale ressaltar aqui, que quando o teórico se utiliza do termo orgânico, ele faz referência a parte que constitui nosso ser biológico e que, na interação com o nosso meio sociocultural, receberemos estímulos para nossa evolução.

Por isso nossas manifestações emocionais são sempre tão perceptíveis aos outros, pois provocam alterações faciais, posturais, em como executaremos os nossos gestos. Wallon nos explica que, todas as emoções derivam da maneira como o tônus (nível de tensão muscular) – sendo este, o que está sempre a serviço das expressões das emoções – se forma, e se apresenta externamente frente as diferentes situações em que somos expostos. Tomemos como exemplos de padrões posturais suscitados pelas emoções, os citados por Galvão (2014):

A cólera, por exemplo, vincula-se a um estado de hipertonia, no qual há excesso de excitação sobre as possibilidades de um escoamento. A alegria resulta de um equilíbrio e de uma ação recíproca entre o tônus e o movimento, é uma emoção eutônica. Na timidez verifica-se a excitação na execução dos movimentos e incerteza na postura a adota, há um estado de hipotonia. Com base nesta relação, resulta até mesmo uma classificação das emoções segundo o grau de tensão muscular a que se vinculam (GALVÃO, 2014, p.62).

A autora também descreve uma cena comumente vista por profissionais da educação infantil, a dita “birra”, ocasionando crises de raiva sem motivo aparente, onde a criança se utiliza de qualquer pretexto para chorar. Ali ela está utilizando o choro como recurso fisiológico para conseguir externalizar sua excitação, e através desta descarga de tensão conseguir relaxar.

Ao passo que a emoção é visível, intensa e fugidia, o sentimento, no que lhe concerne, tem um caráter mais estabilizado e estabilizante no indivíduo. Portanto, ele perde o recurso de externalização, mas ganhando o recurso de serem expressos pela linguagem; é durável, constante e mais controlado.

Em suma, conseguimos identificar a emoção pela sua natureza mais orgânica, efêmera e manifestação material; e os sentimentos, pela sua natureza estabilizada, diz respeito às experiências humanas em significados contextualmente definidos, e tem longa duração.

Nas palavras de Almeida e Mahoney (2004) vemos quão importante é esta dimensão afetiva do ser humano para construção de sua persona:

É no entrelaçamento com o motor e o cognitivo que o afetivo propicia a constituição de valores, vontade, interesse, necessidades, motivações que dirigirão escolhas e decisões ao longo da vida. O afetivo é, portanto, energizar e dar direção ao ato motor e cognitivo.

Assim como o ato motor é indispensável para expressão do afetivo, o cognitivo é indispensável para a avaliação das situações que estimularão emoções e sentimentos (ALMEIDA; MAHONEY, 2004, p.18).

Os valores são decisivos sobre as manifestações afetivas; o universo simbólico e social em que se está inserido não só lhe confere uma identidade, mas também é quem formará seus conceitos morais e éticos, que terão influência direta em seu desenvolvimento afetivo.

A afetividade não só é intercambiável, mas parte constitutiva de todas as dimensões evolutivas do Ser – cognitiva, motora, e a pessoa.

2.5 A afetividade no processo de ensino-aprendizagem

A afetividade na ótica de Wallon está intimamente ligada a inteligência. Neste capítulo, objetivamos mostrar como a evolução afetiva se dá concomitantemente à aquisição do conhecimento.

Grandes clássicos da literatura – tidos como clássicos, pois, são imperativos existenciais, narrativas que repercutem na nossa educação para a vida – sempre apontaram para a necessidade de um tutor, alguém que nos guiasse pela, como disse Dante Alighieri (1998) no meio do caminho da selva escura, onde o caminho correto se perdera; no primeiro canto de *Inferno* (1998), o poeta se vê perdido antes da chegada de Virgílio, que o irá guiar em sua jornada. Podemos colocar, de forma análoga, à figura do professor e professora na vida de seus discentes.

Wallon em sua teoria, defende a consonância que deve existir entre afetividade e cognição, sendo o entendimento da pessoa em sua totalidade, cujas ações e reações, sejam elas internas ou externas, são produzidas na dinâmica relacional entre os domínios cognitivo, motor, afetivo e social desde o nascimento até a vida adulta. Assim, neste trabalho, conjecturamos que as escolas de Educação Infantil devem ser espaços em que os docentes precisam conhecer e reconhecer que tal dimensão está presente nas relações entre eles e as crianças ao longo de seus processos formativos,

seja no seu desenvolvimento, seja nos processos de aprendizagem. Nas palavras de Wallon (1982):

O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo (WALLON, 1982, p.189).

As pesquisas do teórico sobre a afetividade trouxeram a necessidade de uma atenção e um interesse maior às crianças nas atividades escolares, tendo em vista que, toda a ação educativa pressupõe o adulto que se quer construir. Apoiados pelas afirmações de Wallon quanto a influência do meio, entendemos que a escola é um dos ambientes responsáveis pela formação da personalidade infantil, devendo se interessar por tudo o que concerne à criança, tendo atenção ao seu ser biológico, psicológico, e tomando conhecimento das condições materiais e sociais de suas instalações, para então poder promover um ambiente que possibilite descortinar suas habilidades.

Em um exemplo claro, nos dados Almeida e Mahoney (2008) uma criança em condições de subalimentação, habitando em ambientes insalubres, poderá apresentar sintomas como apatia, instabilidade, irritabilidade, problemas de atenção, dentre outros, que prejudicarão sua aprendizagem. Sobre isso, nos afirma Gulassa:

A visão do professor sobre a criança é muito enriquecedora quando esta é observada e percebida em seus diferentes grupos, pois em cada grupo um lado seu vem à tona, e surge uma nova possibilidade de desenvolvimento e aprendizagem. O professor atento à criança nos vários grupos tem mais elementos e conhecimento da criança, podendo auxiliá-la melhor em seu processo de evolução e integração de si (GULASSA, 2004, p.118).

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) - que define todos os princípios, diretrizes, estrutura e organização do ensino, abrangendo todas as suas esferas e setores, em seu Art. 29, apregoa que:

Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Nos embasando na LDB, Lei nº 9.394/1996, e nas demais informações cedidas pelo MEC (1998), podemos afirmar que a Educação Infantil objetiva contribuir para a formação de maneira equilibrada e integral da criança, e também afetiva e lúdica, pois a inserção da Educação Infantil na educação básica, e o reconhecimento de que sua formação começa nos primeiros anos de vida é essencial para o cumprimento de sua finalidade.

Tendo isso em vista, o profissional da educação, sobretudo a infantil, deve ser alguém que considere as necessidades infantis, para que se fortaleçam as funções afetivas de seu trabalho, sendo estas preponderantes durante todas as etapas do desenvolvimento. Como nos relata Amaral (2000, p.51) nos anos primeiros anos da criança, o domínio da afetividade tem primazia sob o domínio cognitivo, logo as relações afetivas estabelecidas com cada acontecimento se sobrepõem ao que foi pensado e determinam características positivas ou negativas as pessoas, objetos ou situações que compunham o cenário.

Ao afirmar que: “(...) a criança não sabe senão viver sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto (...)” Wallon (1995, p.11) atribui ao educador e o meio escolar adequar-se às necessidades e possibilidades infantis do momento. Em cada etapa de seu desenvolvimento o adulto deve se propor a estar atento em conhecê-la, e atendê-las deve ser uma preocupação do educador. Métodos de ensino que concernem a capacidade momentânea do aluno devem ser oferecidos a cada disciplina, garantindo a adesão do aluno a atividade proposta.

Está entre as atribuições do educador e educadora, retificar possíveis erros, complementar informações e indicar fontes de conhecimento; gerando na criança o sentimento de estar construindo algo a partir de seus próprios conhecimentos.

O afeto do professor e professora, e a sua sensibilidade são um ferramental em sua prática pedagógica, tendo em vista que isso influencia na maneira de agir de seus alunos, pois a criança buscando pela aprovação do adulto, nas palavras de Dér (2004) o papel que a criança atribui ao outro nas atividades que realiza é de admiração e aprovação. Admirar-se está ligado a validação do adulto, é essa necessidade de prestígio que será a força motriz para que ela desenvolva e aperfeiçoe qualidades que causem admiração.

Cabe ao professor e professora também, serem mediadores de possíveis – e esperados – conflitos em sala de aula. Galvão (1995, p.105) nos diz que Wallon aponta como uma das características do adulto, a primazia da razão sob a emoção, pois, para o teórico, a idade adulta será a integração e agregação dos resultados de passagem por todos os estágios do desenvolvimento. Para a autora:

Assim nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la. Invertendo a direção das forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade (GALVÃO, 1995, p.105).

Dinâmicas conflituais tais como, agitação motora, dispersão, crises emocionais e desentendimentos entre alunos, tão comuns principalmente na educação infantil; devem ser mediadas pelo docente, pois este possui maiores recursos no controle das emoções. Ainda, nas palavras de Galvão:

Com o apoio de informações teóricas sobre características do comportamento emocional e usando sua capacidade de análise reflexiva, o professor deve buscar identificar, nos fatores implicados em cada situação, aqueles que agem como “combustíveis” para o agravamento da crise. Sabemos que em geral não é possível que essa reflexão seja feita simultaneamente à crise. É somente depois de tê-la vivido, já fora do “calor” do momento que se torna possível a reflexão, a avaliação e uma possível compreensão da situação (GALVÃO, 2004, p.105).

Para realizar tais tarefas, é imprescindível que esse educador apresente certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitudes democráticas, para que a aprendizagem se torne mais facilitada. E ter uma boa formação teórica, para saber articular o saber às circunstâncias.

O professor e professora que atuam ou iram atuar na Educação Infantil deve ter uma preocupação maior em formar um repertório de ações para poder lidar com essa faixa etária. Atenderemos aos alunos iniciantes no convívio escolar, logo, é um ambiente que propiciará surgimento de situações inesperadas em relação às demais fases escolares. Para Gulassa (2004, p.116): “Wallon alerta os professores para que percebem que seus alunos não só como aqueles que precisam ser instruídos, mas como os que precisam ser educados”.

Para poder intervir e conduzir os alunos de modo assertivo, o teórico aponta para outra primordial qualidade que deve ser parte constitutiva da personalidade do educador: a atenção. O olhar atento, a observação e o conhecimento da criança são instrumentos do educador e educadora.

Wallon enfatiza a observação como um meio para conhecer o aluno, tudo que se refere ao educando, deve ser do interesse do educador. Partindo do pressuposto que a observação é sempre feita a partir do ponto de vista – parâmetros e conhecimentos – de quem observa. É feita a exortação de dois movimentos (GULASSA, 2004, p.117):

- Exercitar o olhar extrínseco, ou seja, voltar-se para fora, buscando conhecer o contexto que cerca a criança;

- Exercitar o olhar intrínseco, enriquecer o próprio referencial de mundo, desenvolvendo cada vez mais parâmetros de avaliação;

A aquisição de conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, e seu processo de aprendizagem é o que darão ao educador e educadora, condições de um entendimento global. Para Gulassa (2004):

Ao entendermos que a teoria serve de instrumento ao pensamento, aprimora nosso olhar e nos ajuda a interpretar o que vemos, nosso diálogo com ela será fecundo e seu autor poderá se tornar, para nós um outro significativo e um referente para a nossa ação (GULASSA, 2004, p.120).

Um exemplo prático para ilustrar a teoria, que pude vivenciar em meu trabalho como auxiliar em uma creche municipal, de como a observação atenta do profissional se faz necessária na prática pedagógica é o da compreensão das necessidades da criança de forma tácita, anterior à aquisição da fala.

É vital para criança fazer-se compreender para que então o adulto consiga fazer intervenções úteis, de modo a atender suas necessidades básicas; para isso, ela precisa ser atentamente assistida, e seus gestos interpretados e completados pelo

adulto. Wallon (1971) confere a acolhida do meio a estes gestos a forma como eles serão usados posteriormente como formas de expressões. Dito de outro modo, por meio da interação com o outro, a criança irá estabelecer uma correspondência entre seus atos e as reações causadas através deles no outro, passando assim a agir de forma intencionada.

O trabalho cotidiano com a criança, nas coisas mais corriqueiras – talvez por isso seja fácil correlacionar o “educar” ao “cuidar” – como alimentação, colocá-la para dormir, mudar de ambiente; são o que fornecem à criança estimulações frequentes, permitindo que ela integre a sensação ao ato, possibilitando a compreensão racional das coisas.

Todo o ser vivo mantém uma relação íntima e perene de troca com o seu meio. Inicia-se e retira dele todas as condições necessárias para sua sobrevivência, e, para sua evolução, são formas que modelam a pessoa.

Como bem sintetizado por Dér (2004):

Em suma, de acordo com a teoria Walloniana, a afetividade, quanto a inteligência, é passível de evolução. No início, a afetividade confunde-se com a emoção, e sua manifestação se dá principalmente pelo toque, troca de olhar, pela intensa comunicação não verbal. O refinamento das trocas afetivas permite que, ao longo do desenvolvimento, novas formas de expressão apareçam (DÉR, 2004, p. 75).

É de extrema importância conhecer a trajetória afetiva e social do aluno, isso permite ao educador adequar não só sua prática pedagógica, mas também seu olhar às necessidades afetivas de seus alunos em seus diferentes estágios de desenvolvimento. Como relembra Gulassa (2004, p.118): “A visão do professor sobre a criança é muito enriquecida quando é observada e percebida em diferentes grupos, pois em cada grupo um lado seu vem à tona e surge uma nova possibilidade de desenvolvimento e de aprendizagem”.

Formar o aluno, não só para o mercado de trabalho, mas o aluno apto a viver em sociedade, significa formar uma pessoa, e isto requer à formação de toda a sua dimensão orgânica e social. Significa dar à criança uma base onde nela se construirá o motor-afetivo-cognitivo de seu desenvolvimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wallon fez contribuições numerosas à educação, suas teorias sobre psicologia genética são instrumento a serviço de reflexões pedagógicas e constroem práticas educacionais cada vez mais adequadas às necessidades das crianças em cada etapa de seu desenvolvimento.

Ao entrarmos em contato com a obra de Wallon, entramos em contato com a dialética que há entre o papel do meio social e os fenômenos psíquicos que nos constituem.

A afetividade estará presente desde a vida intrauterina, perpassa por toda a nossa narrativa, e nos acompanha até os últimos dias de vida; constitui-se de uma fonte geradora de potência e energia alicerçando todo o processo sobre o qual se constrói o conhecimento racional.

Tornar-se adulto é parte inerente do desenvolvimento biológico humano, porém, formar-se é só é plenamente possível a partir da presença do outro. Nisso vemos como é crucial o papel do educador e educadora.

O teórico, que era também educador, legou a nós, seus companheiros de ofício a lição de que, somos seres completos – ou seja, dotados de afeto, conhecimento e movimento – e nossos alunos, também, pessoas completas exigem formação integral.

Sendo assim, o professor e professora, a instituição escolar, devem compreender que possuem uma missão, que é construir um ser humano, e para melhor executar sua missão, deve compreender como se dá o domínio afetivo de seu aluno e conhecê-lo em suas idiossincrasias.

Uma escola que responda às necessidades de todos, isto é, às necessidades de cada um, e uma escola que, à medida que a inteligência se vai desenvolvendo no sentido de especialização das aptidões, responda a este progresso do espírito, no sentido da especialização ou das aptidões particulares (WALLON, 1975, p.421).

Wallon outorgou à escola e ao professor e professora uma grande fatia no processo de formação da criança, pois é a cultura é dos elementos de maior influência

neste processo e a escola é responsável pela expansão desta cultura, e o professor e professora, são o fio condutor deste meio.

Em sua teoria, Wallon afirma que a psicogênese do homem está ligada às suas condições orgânicas e sociais, portanto é a partir interação do meio físico e social que se dará o desenvolvimento, logo, permear a educação com afetos positivos, de modo que aprender seja uma ação volitiva do aluno é uma ação que deve basear o trabalho do docente.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. São Paulo: Editora 34, 1998. Disponível em: <https://www.editora34.com.br/download/ADC.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, Goiânia/GO, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/download/5271/4688/22859#:~:text=Tanto%20que%20Wallon%20defende%20uma,desenvolvimento%20e%20das%20emo%C3%A7%C3%B5es%2C%20que>. Acesso em: 23 nov. 2022.

ALMEIDA, L.R. Wallon e a educação. In: **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. **Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ALMEIDA, L. R; MAHONEY, A. A. **Henri Wallon: Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2012.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002. Acesso em: 23 jan. 2023.

AMARAL, S. A. Estágio categorial. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de (Org.) **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 51-58.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set/dez. 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 30 out.2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 03 out. 2022.

BORBA, V. R. S. A expressão da afetividade na educação infantil: concepções de algumas docentes. **Revista Científica da Fundação Educacional de Ituverava - Nucleus**, Ituverava/SP, v. 5, n. 1, p. 40- 47, abr. 2008. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/61/108>. Acesso em 04 nov. 2022.

CACHEFFO, V. A. F. F. **Manifestações afetivas nas concepções e práticas educativas no contexto da creche: reflexões a partir da perspectiva walloniana**. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP - Faculdade de Educação, Presidente Prudente, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92276>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CALIL, A. M. G. C. Wallon e a educação: uma visão integradora de professor e aluno. **Revista Contrapontos**, Itajaí/SC, v. 7, n. 2, p. 299-311, mai/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/907>. Acesso em: 09 out. 2022.

DEZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DÉR, L. C. S. A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L.R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar Em Revista*, v. 36, p. 21–38. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?lang=pt#>. Acesso em 30 mar. 2023.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GULASSA, M.L. A constituição da pessoa: os processos grupais. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L.R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PRANDINI, R. C. A. R. A constituição da pessoa: integração funcional. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L.R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas/SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em 17 nov. 2022.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1995.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento. Ensaio psicologia comparada**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.